

BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1905

N.º 163



Marianno Cyrillo de Carvalho

† no Monte Estoril a 19-10 905.

*Lente da escola Polytechnica. Ministro de estado honorario, Deputado ás Côrtes,
Commissario do governo junto do Banco Nacional Ultramarino, Presidente da Camara Municipal de Setubal,
director do «Popular», jornalista distinctissimo*

CHRONICA

Marianno de Carvalho

Vão-se os deuses! Vão, a breves intervallos, desapparecendo da terra portugueza os espiritos que de mais alto a illuminavam. Olhamos em redor e parece nos illimitado o cemiterio onde dormem o ultimo somno os melhores, os mais uteis, os mais brilhantes d'entre nós.

Dir-se-ia que a mais vibrante potencia cerebral das gerações, da nossa e das ultimas que a precederam, está sendo pasto dos vermes. Os campos, tão ridentes e floridos da arte e da litteratura portugueza, apresentam uma devastação pavorosa. E o jornalismo? Como tem dizimado as nossas fileiras a morte impiedosa e iniqua! No espaço de alguns annos, que tem corrido velozes como dias, desapparecem da lucta, em que não accusavam nunca uma fadiga, da batalha em que triumpharam sempre, as grandes, as figuras primicias da imprensa portugueza!

Depois de Sampaio e Teixeira de Vasconcellos, os mestres incontestados, quantos, quantos!

Chagas parece-nos que foi ainda hontem que o perdemos, d'ahi a pouco Ennes, Navarro ha pouco mais de um mez, e ha alguns dias Marianno de Carvalho!

Foi se nos com o primeiro a espontaneidade e a graça, no que tinha de mais suggestivo a linguagem portugueza. Ennes que sobre as cinzas ainda quentes lhe tecu o panegyrico que mais podia encantar-lhe o espirito, se elle revivesse, ao chamar-lhe o brilhante continuador da tradição garrettiana, Ennes levou tambem com a morte o encanto no dizer, ao mesmo tempo academico e florido, o poder de agitar os espiritos e as opiniões pela força do argumento e a multiplicidade dos pontos de vista; o rijo montante de batalhador, brandido em tantas refregas memoráveis pelo pulso herculeo de Emygdio Navarro, quem ha ahi que o levante do chão a que a morte o lançou, e o sopase, e o saiba brandir com a galhardia e o impeto que foram apanagio d'aquelle luminoso espirito?

E Marianno?

N'esta constellação formosissima foi a ultima estrella que se apagou. Porisso se pôde contemplar mais de perto o sulco de luz viva e intensa que ella deixou na sua trajectoria. Ah! E bem certo, vão-se os deuses, vão-se os deuses! Simplesmente a terra já não treme como na mythologia hellenica, e a eterna phrase banal *Les morts vont vite* nem os poupa a elles. Aqui está um, dos maiores entre todos, que para ser breve esquecido pelos que mais tinham o dever de lembral-o, não precisou como Cincinato ao deixar os negocios do Estado entregar-se exclusivamente á sua charna. Monrejou até ao dia em que se lhe apagou a luz do cerebro que ainda na vespera despedira chammas de uma intensidade incomparavel. Labutou até á hora ultima, porque o leito de enfermo, onde minuto a minuto se lhe esphacelava o coração que tanto na claridade vibrara e tanto soffrera na sombra, não era, nem foi nunca o leito do repouso. E, todavia, não foi preciso que o pó do sepulchro lhe cobrisse a carne torturada e decomposta, para que ostentassem a vangloria desprezível de ovidial-o até muitos d'aquelles que a sua palavra levantára, que a sua penna servira e engrandecera. Dos outros que deviam ir, e não foram, acompanhar o seu endaver ao jazigo onde por favor era depositado, dir-se-ia que ainda tinham inveja ou medo, e que temiam talvez que pudesse esmagal-os a sombra do gigante cahido.

Ah! razão tinhas tu, louco e desgraçado rei Lear, em pedir á tempestade que varresse de vez o mundo misravel, porque só n'esse dia teria fim a ingratição humana!

O jornalista!

Na multiplicidade dos seus talentos, de mathematico, de pensador, de escriptor, de estadista, era aquelle o talento culminante. N'esse cadinho se ampliavam e ao mesmo tempo se depuravam, por um estranho phenomeno mental, as suas faculdades todas. Dos calculos profundos e das investigações exactas da mathematica trouxe para a imprensa diaria a logica invencível, os processos analyticos que tornaram a sua prosa de uma clareza diaphana, os seus argumentos de uma solidez inatacavel. E, para acatar em toda a sua plenitude a tradição da mathematica, onde as demonstrações por absurdo existem, quando elle era temível, unico, ou então de um poder suggestivo que confundia os adversarios, de um encanto de argumentação que salvava os amigos, era quando fazia das cifras um exercicio malabar, ou quando se entretinha jovialmente a demonstrar que o branco era preto, quando enfim convertia o syllogismo e o sophisma n'uma arma branca de Toledo, que elle manejava galhardamente e cujos botes em falso feriam, como se fossem verdadeiros, os esgrimistas mais experimentados e habéis.

E que ninguém como elle soube pôr o encanto pessoal nas manifestações do talento. Como não tinha rancores na alma aforrava-lhe sempre aos labios um sorriso. E no mais acceso das luctas que sustentou, quando a indignação nos seus con-

tendores attingia o rubro, elle, o bom Marianno, cofando as pontas do bigode, puxando a ultima fumarada ao seu lendario cigarro brejeiro, e contando para o lado uma anecdota picante, ia ao mesmo tempo deslizando a penna pelo papel com uma leveza e uma suavidade taes que mais pareceria estar compondo uma missiva d'amor. Ao terminar continuava com a mesma bonhomia sorridente e a mesma graça inexaurível a anecdota interrompida. E, contudo, n'esses toscos verbetes escriptos ao correr da penna, n'essas palavras que se diriam descuradas, ia quasi sempre a victoria de uma causa e a derrota de um adversario!

Espirito fulgentissimo tinha um horror innato ás palavras inuteis, e a sua prosa, sempre clara como o sol, dá-nos a impressão de que elle decretaria de bom grado a abolição do vocabulario se encontrasse meio de exprimir sem palavras as ideias que lhe ferviam lá dentro.

Tal era, tal foi durante cincoenta annos de trabalho ininterrupto, porque segundo elle mesmo declarou, nem tempo tinha para estar doente, o jornalista que se finou ha poucos dias.

Do ministro, do homem d'Estado, não é este o logar apropriado para falar. Seria necessario um volume de muitas paginas e uma critica muito imparcial e muito alta para fixar nitidamente o nucleo de qualidades que se conjugavam, e até frequentes vezes se contrapunham, na excepcional individualidade de Marianno de Carvalho.

Quem, no parlamento o houvesse escutado, um dia que fosse, havia de assegurar convicto que a sua palavra, agora erudita como a de um beneditino e d'ahi a pouco ligeira e saltitante como uma borboleta doirada, era aguda como um estylete, persuasiva como um axioma, precisa e clara como uma solução.

E seria injusto aquelle que não contrapozesse á deficiencia da sua energia politica a riqueza de tantas faculdades de estadista e de parlamentar. Se o seu pulso fosse o escravo do seu cerebro e a sua vontade o instrumento obediente da sua intelligencia, Marianno de Carvalho, pelo arrojo dos planos, pela pujança do talento e pela abundancia prodigiosa de trabalho, teria attingido em Portugal a culminancia politica a que só ascenderam o marquez de Pombal e o conde de Thomar.

Mas para immortalisar-lhe o nome e engrandecer-lhe a memoria, ahi fica a rebrilhar e a illuminar-nos a estrada a obra do jornalista extinto.

JAYME VICTOR.



PENSAMENTOS

São os homens que fazem os negocios, e os negocios que fazem os homens.

Um verdadeiro estatuário pôde fazer uma obra prima do busto de um corcunda.

O poeta obtem os seus efeitos pela successão das imagens, o pintor pela sua simultaneidade.

Para se ser bem governado, é preciso ser-se livre.

As exequias por alma de El-Rei D. Luiz

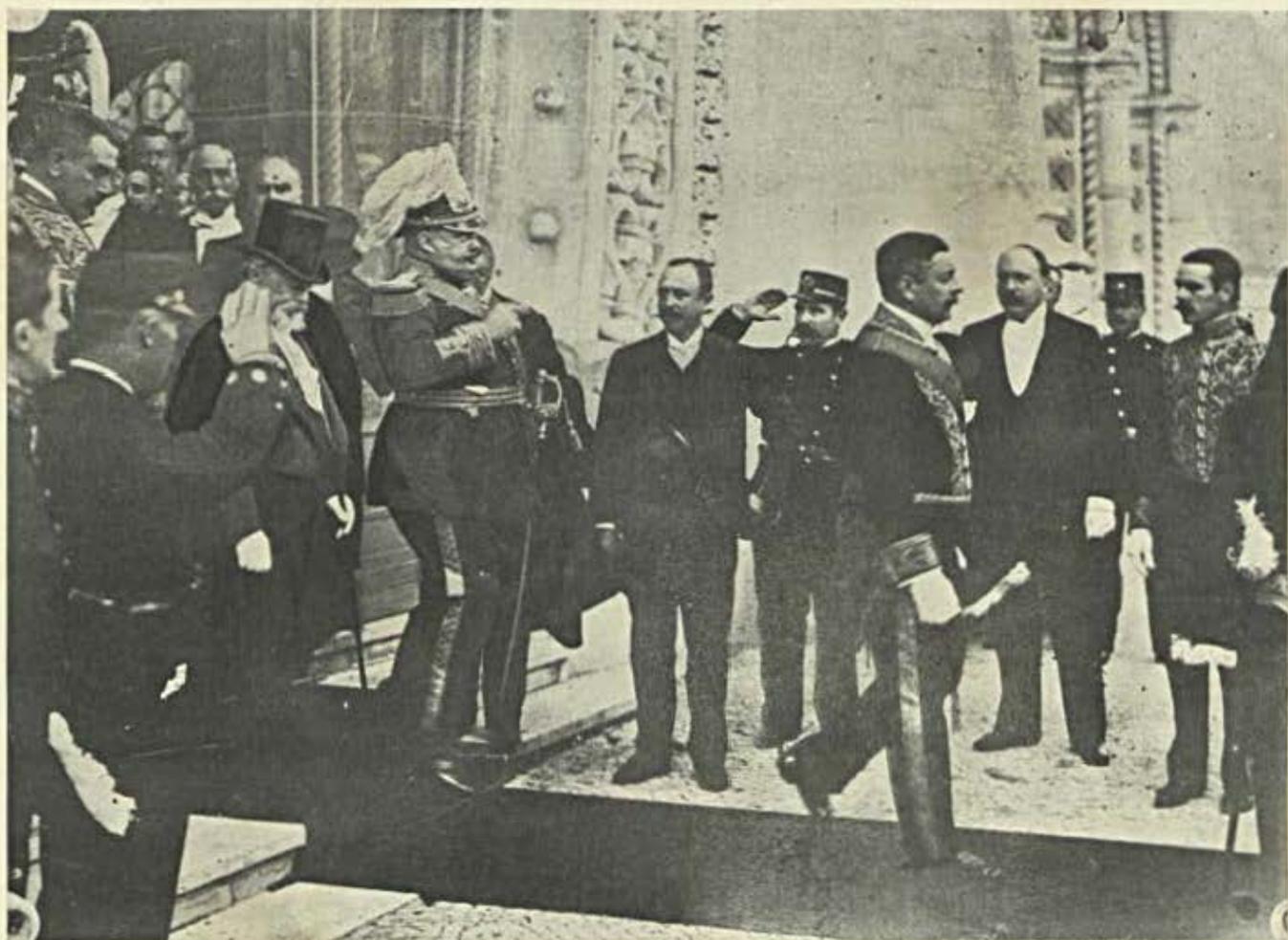
em 19-10-905



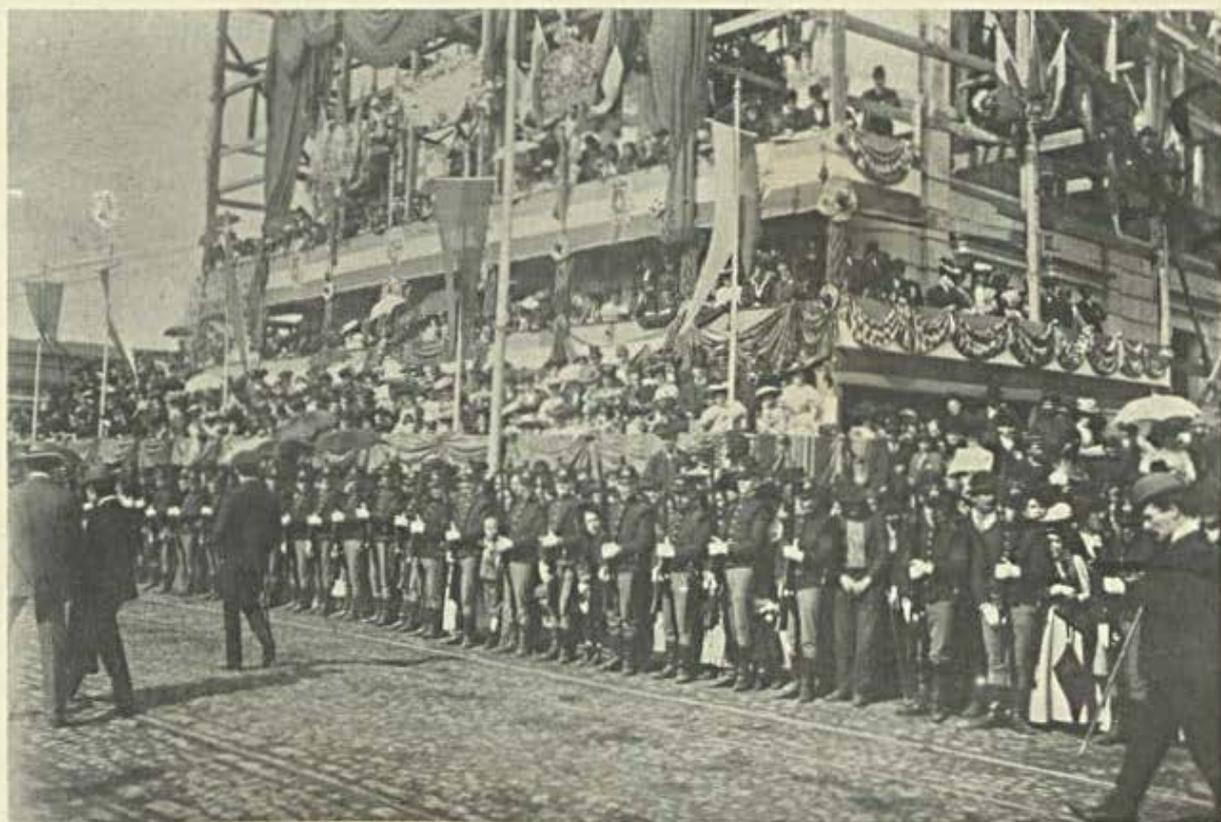
Citébé Benófil

Chegada de Suas Magestades á Sé

A viagem de Loubet—Os festejos



Dia da chegada 27-10-905. A' saída da estação do Rocío. — *El-Rei D. Carlos e Emilio Loubet*



Aspecto das ruas. — *Palanque da Ribeira Nova*

PORTO DE LISBOA — Aspectos e planta das instalações marítimas

Cumprindo a promessa feita no numero anterior, insere-se hoje no *Brasil-Portugal* uma plan'a do porto de Lisboa, minuciosa e completa, com indicação de todas as instalações marítimas, delineamento de caes acostaveis, rampas, docas amplas, armazens-abrigos, linhas ferreas, docas de reparação, etc., etc.

Lisboa... Não vamos descrever a garrida cidade de marmore e de granito, tão cantada. Nesta pagina, especialmente dedicada á America latina, não cabem bem elegancias descriptivas, e louvaminhas. Esta pagina, toda riscada por um plano muito prosaico, apenas admite uma prosa *terra terra*, algarismos e notas curtas, mas que por isso mesmo serão de uma eloquencia flagrante.



A celebre Torre de Belem

Principiam na Torre de Belem os trabalhos de aformoseamento do Porto de Lisboa e terminam em Santa Apollonia, a dois passos de uma das estações do caminho de ferro da Companhia Real — 8.500^m de percurso ao longo da margem direita do Tejo

Tem a palavra a Verdade:

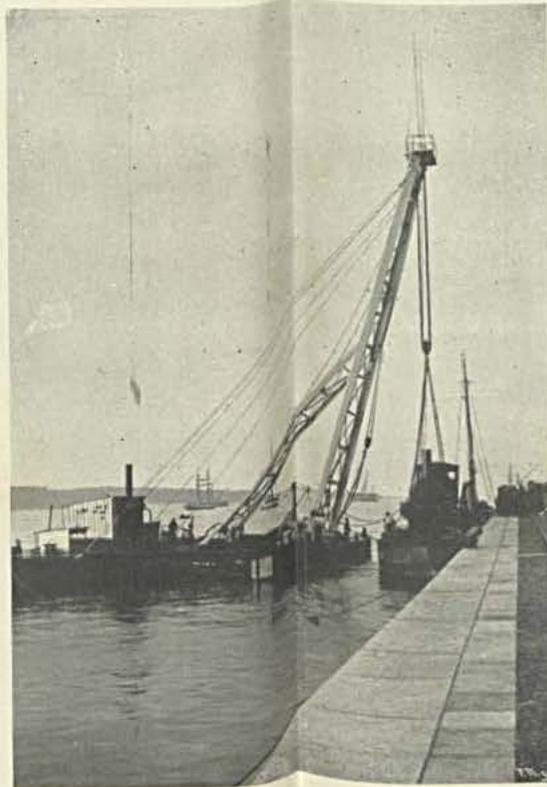
Lisboa demora sobre a margem direita do Tejo, o que não será novidade de maior para quem nos ler. O canal que vem da barra mede uns 12 kilometros de extensão até á parte poente da cidade, e segue a interior-se para as bandas do Ribatejo em profundidades variaveis. N'esses 12 kilometros ha fundos de 35 e 40 metros, e na enorme bacia poderão estacionar sem se chocarem todas as esquadras do mundo... sem *andaluçada*.

Posta na linha forçada das navegações transatlanticas, e como porto europeu mais perto da Africa occidental e da America do Sul e do Norte, e não tendo um movimento marítimo em harmonia com a sua excepcional importancia e situação, o governo de Portugal mandou melhorar o porto no anno de 1886. O concessionario Hersent apresentou o plano e mãos á obra. Foi dito e feito. Mezes depois começavam os trabalhos em toda a extensão de oito kilometros e meio, que tantos são os que se contam da Torre de Belem a Santa Apollonia, onde se ergue a estação do caminho de ferro do Norte.

Isto passou-se ha 19 annos. Hoje o novo porto está quasi prompto. Venham vel-o os que duvidam, e encontrarão alem do que a planta indica, as instalações complementares — caes como enormes armazens para abrigo, reparações e mercadorias — as grandes docas para reparações de navios, uma com 180 metros de comprimento, e ultimamente o novo posto de desinfeção que em janeiro de 1905 dará o golpe de misericórdia no Lazareto.

Agora a parte prosaica do porto — os algarismos explicativos da planta, que enviamos com vista aos nossos detractores:

- 1.º A margem direita do Tejo foi transformada n'um percurso de 8.500 metros;
- 2.º Os caes acostaveis com 8 metros de fundo em baixamar medem 3.150 metros;
- 3.º Os caes acostaveis com 6 metros de fundo em baixamar medem 1.320 metros — 4.470 metros na totalidade;
- 4.º As varias rampas tem 3.500 metros de extensão;
- 5.º Uma doca de reparações tem 180 metros de comprimento sobre 25 de largo;
- 6.º Outra doca tem 100 por 15 metros;
- 7.º Um plano inclinado ala embarcações com 300 toneladas de peso;
- 8.º Os guindastes levantam pesos de 750 a 40.000 kilos;



Cabrea grande. — Transporte para a margem esquerda do Tejo, de uma locomotiva com o peso de 35 toneladas

Cliché Bonelli.

- 9.º O embarcadouro flutuante mede 100 metros;
- 10.º As linhas ferreas ligam os caes com a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes;
- 11.º O posto de desinfeção tem 300 metros de caes acostavel.

E agora, emiungando nobre a planta:

- A B — Caes de Alcantara com extensão de 1.550 metros.
- B C D — Caes do ante-porto.
- F G — Caes de Santos (medem estes dois 1.350 metros).
- H K — Caes da Alfandega e de Santa Apollonia com 1.600 metros e 8 de fundo em baixamar.
- E — Doca para reparações de 180^m de comprimento e fundo de 6 metros abaixo de zero hydrographico.
- E' — Idem de 100^m e fundo de 4^m idem.
- E'' — Plano inclinado para embarcações de 300 toneladas de peso.
- G G' — Embarcadouros de serviço fluvial (mercadorias).
- G — Embarcadouro flutuante da Parceria dos Vapores Lisbonenses (em construção).
- I — Embarcadouro flutuante de Santa Apollonia.
- a a' — Caes de acatagem da Companhia Messageries Maritimes.
- b b' — Idem do posto marítimo de desinfeção (em construção).
- e e' — Idem da Empresa Insulana de Navegação (para a Madeira e Açores).
- d d' — Idem da Deutsche Ost Africa Linie, de Hamburgo.
- e e' — Idem da Empresa Nacional de Navegação (Africa portuguesa).
- k — Idem das companhias Cunard, Ellerman e Yerard Bros, de Liverpool.
- r — Posto marítimo de desinfeção.
- h — Entreposto de Santos.
- i — Idem das colonias portuguezas.
- j — Idem de Santa Apollonia.
- k — Officinas de reparação de navios da casa Hersent.
- l — Instalações de engoto das docas.



Cliché Bonelli. Doca para reparações. — Dois rebocadores em limpeza

- m — Depositos da agua de pressão.
- n — Ponte levadiça.

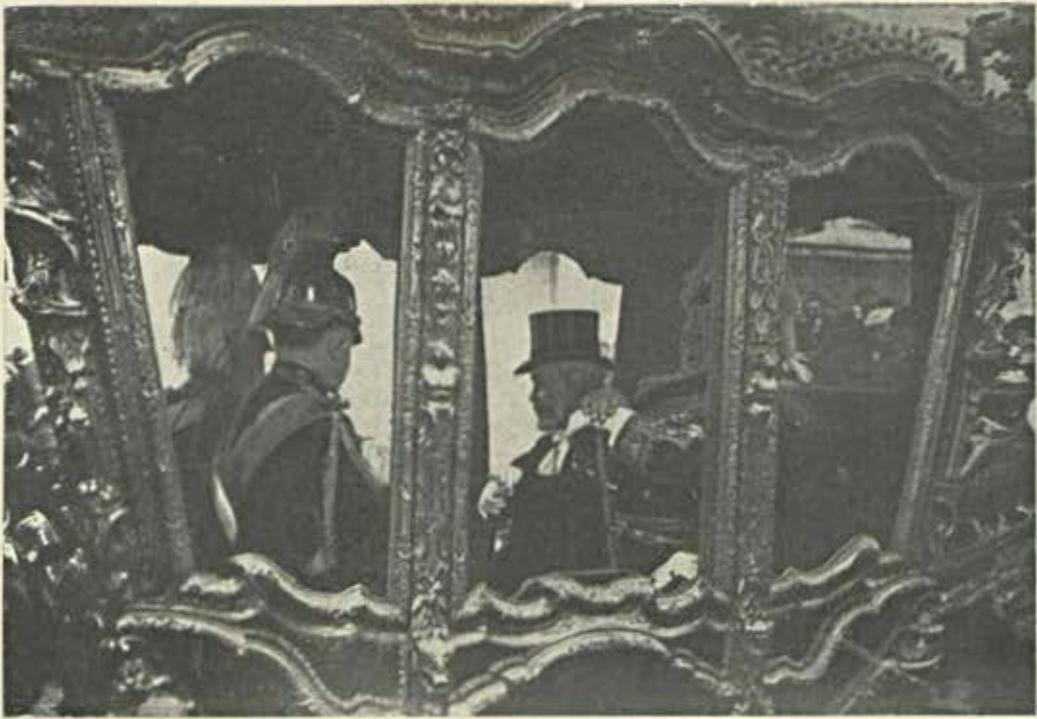
Aqui fica com dados precisos o que é actualmente a grande enseada portugueza, que n'um futuro muito proximo desempenhará um grande papel no commercio entre o novo e velho mundo, queiram que não queiram... ainda sem *andalusadas*.



PLANTA DO PORTO DE LISBOA. — Margem direita

LE TAGÉ (FLEUVE)

Escala 1/5,000



Dia da chegada a Lisboa. — *Coche D. João V* — O presidente Loubet, El-Rei Príncipe Real e Infante D. Afonso



Na estação de Belem. — *Partida do presidente Loubet para Cintra, em 28-10-905*



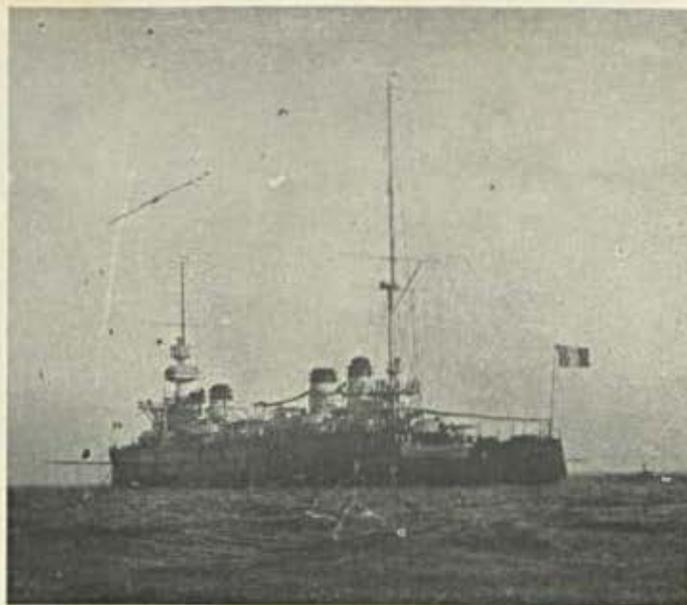
Em Cintra
A' entrada do Paço, Emilio Loubet e a Rainha



Em Cintra
A' saída do Paço. — A Rainha pelo braço do Presidente



Visita á Sociedade de Geographia
Suas Magestades e Emilio Loubet, passando no Rocio



Leon Gambetta
Que conduziu o presidente Loubet a Marselha, em 29-10-905

Visita do Presidente Loubet a Lisboa

Tres dias hospedou Portugal o Presidente da Republica Franceza, esse venerando velhinho que a intelligencia e a bondade tão querido tem tornado do povo francez e tão respeitado de todas as nações estrangeiras. Muitos tem visitado já, durante a sua curta magistratura, varias capitães tem tido como Lisboa a honra de o acolher, mas por certo em nenhuma outra o sr. Emilio Loubet recebeu provas de estima mais expontaneas, mais sinceras e mais entusiasticas. A alma popular expandiu-se em toda a liberdade, e mostrou bem quanto a França é querida e admirada em Portugal, ás vezes tão mal e tão injustamente tratado nos seus jornaes.

Com o sr. Loubet visitaram-nos felizmente representantes dos mais importantes jornaes de Paris, e esses se alguma vez tiverem de se referir a Portugal, poderão já testernunhar que não somos um paiz tão barbaro como muitas vezes se tem querido dizer, porque somos o paiz da Europa que tem considerado sempre a França a patria do seu espirito.

Desde a chegada do Presidente, á gare do Rocio, na manhã de

27 de outubro até á sua retirada na tarde de 29, foi um seguimento de festas, todas entusiasticas, todas brilhantes, e algumas até de extraordinario brilho, como o cortejo de entrada e a festa nocturna em Cascaes. Foi sem duvida referindo-se a esta ultima, ao aspecto feerico das illuminações na bahia e em toda a margem desde Parede até á Cidadella, que o Presidente Loubet no seu discurso pronunciado na Camara Municipal disse julgar-se transportado ao paiz das mil e uma noites. Essa impressão tiveram tambem os jornalistas que o acompanharam e que nos seus artigos descriptivos a põem bem em relevo. Visitou ainda o sr. Loubet, a formosa Cintra em toda a exhuberancia da sua vegetação n'um dia verdadeiramente primaveril, e em outro dia tambem de sol claro deixou o Tejo, a bordo do cruzador *Leon Gambetta*, acompanhado até perto da barra por um sem numero de embarcações, de bordo das quaes sahiam constantemente aclamações festivas ao Presidente e á França. Desde os Reis de Portugal até ao povo, todos congregaram os seus esforços para que o representante da Republica Franceza guarde da sua estada em Lisboa a mais inolvidavel recordação.

Conseguir-se-hia? Crêmos que sim, a avaliar pelo entusiasmo com que todos os jornaes se referem ás festas, e pelos termos captivantes do agradecimento telegraphico que logo ao sahir do Tejo, o Presidente enviou a El-Rei.



A' porta da Camara Municipal de Lisboa. — Aguardando a chegada do Presidente da Republica Franceza
Da esquerda para a direita: Os vereadores. — Charles Rouvier, Conde de Mesquitella, Eduardo Villaça, Thomas Rosa
Ministros da Guerra, Marinha, Fazenda e Obras Publicas



*Visita do presidente Loubet a Cintra. — Grupo tirado no Paço Real.
Sentados no primeiro plano: El-Rei D. Carlos, a Rainha, Presidente Loubet e Infante D. Afonso*



*No Caes das Columnas. — O embarque do presidente Loubet no bergantim real
Da esquerda para a direita: S. M. a Rainha, El-Rei, o Principe Real, o presidente Loubet*



Emilio Loubet
(O seu ultimo retrato)



Photos. de Léon Bonet. — O Presidente da Republica
no seu gabinete de trabalho, no Elyseu

O jogo em Monte-Carlo

II

A sala em que o Casino dá diariamente á Sociedade de Monte Carlo umas horas de boa musica, é em forma de theatro. Ao fundo, o palco pouco mais pequeno do que o do theatro do Gymnasio.



Charles Rouvier
Ministro da Fazenda em Lisboa



Madame Charles Rouvier

Nos quatro cantos da sala, um camarote em que ordinariamente estão os convidados do príncipe de Monaco, as pessoas de distincção que o visitam, ou o prefeito de Monaco que é a auctoridade superior do principado. Entre os dois camarotes dos cantos superiores, está o camarote do Príncipe, sempre vago porque S. A. prefere as suas explicações scientificas, aos prazeres do seu Principado.

Como quasi todos os tectos das salas do Casino, o do salão do concerto é pintado a oleo. Entre as figuras de tamanho natural, e allegoricas ás artes, maravilham-nos composições extraordinariamente bellas. Em cada uma das partes lateraes do tecto, os medallhões de Meyerbeer, Mozart, Herold, Rossini, Haendel, e Glinka. Columnatas de marmore sustentam o camarote do príncipe, guarnecendo toda a sala. Em forma de plateia, bancadas de *fautouils* forrados de fino velludo *cardinal*, muito fofos e muito largos, em que muitos dos nossos mais antigos *dilletanti* lyricos dariam bem um tostão a mais para dormirem a sua soneca, na sala de S. Carlos.

Essas bancadas, apesar da commodidade que offerecem, apesar mesmo de serem gratuitas para a Sociedade de Monte-Carlo, poucas vezes se enchem completamente. Falta de gente? Qual! Dentro do Casino estão tres mil pessoas. Falta de gosto, sim, ou antes ambição do dinheiro. Se em vez de entrar na sala de concerto, o leitor se der ao incommodo de espreitar á porta dos salões em que se joga, verá qual é o verdadeiro Meyerbeer — se o que compoz os *Huguenottes*, se o que inventou a roleta!

Quem vai ouvir os concertos são os que vivem em Monaco.

E' a inglesa a que me referi já e todas as millionarias que se parecem com ella; são as familias serias que veem divertir-se a Monaco, que trazem para ali as suas equipagens luxuosas, as suas *toilettes* mais brilhantes, e que jogam apenas á noite, por diverti-



«Garden-Party» no Elyseu. — Madame Loubet recebendo os seus convidados

ta, quantas desillusões não traria! E as mulheres comprehendem isto tão bem que muitas d'ellas apeiam-se dos seus *coupés* ou dos seus *landaus* fechados, envolvendo-se em longos veus ou em rendas de Alençon.

Nas salas é que deixam então admirar a côr dos seus olhos e dos seus dentes! Apesar de tudo não é difficil encontrar alguma que não suscite recordações do velho Whittoyne, tão pronunciada é a pintura vermelha dos seus labios ou a forte *nuance* das suas sobrancelhas!

Explica-se assim a illuminação a gaz permanente do Casino.

Na sala de leitura a concorrência é tambem pequena. No Casino só lê quem não tem cinco francos para jogar — porque é essa a mi-



Paulo Loubet

Secretario do Presidente da Republica, e seu filho mais velho

mento, importando lhes muito pouco se a sorte lhes dá milhões ou se o azar lh'os tira; é um ou outro apaixonado da musica classica que sabe repartir bem o seu tempo entre o 24 e uma serenata; são os forasteiros de uns dias e mais ninguem.

O resto da sociedade prefere apontar á vermelha.

E' por isso que o programma para o concerto da noite é sempre inferior, artisticamente, ao do dia.

Na sala do concerto, como nas do jogo, os enormes lustres de bronze que pendem dos tectos estão sempre accesos. As vidraças por isso são foscas e tem longos *stores gris*. A luz do dia não entra lá, e comprehendendo-se que assim seja. O sol prejudicaria muitas vezes o aspecto imponente d'aquellas salas e a brancura forçada d'aquellas phisionomias!

Um raio só do astro Rei que ousasse penetrar por alguma fres-



Photos. de Léon Boust.

Abel Combarieu

Secretario geral da Presidencia

nima parada—ou então as *bonnet*, eu as *dames de compagnie* das slavas, das persas, das allemãs, das ingezas que vão ali gastar o dinheiro dos *lords* e dos príncipes.

Sobre as mesas encontram-se todos os jornaes do mundo, todos menos os portuguezes e os chinezes.

N'este ponto de contacto com os srs. chins eu sinto um certo orgulho. Isto não quer dizer que se o *Diario de Noticias* ou o *Seculo* apparecessem lá não encontrassem quem os lesse, este e todos os outros annos, porque pequenino como é Portugal, exporta sempre pelo menos quatro ou cinco dos seus filhos para Monte-Carlo. Ordinariamente exporta-os de Paris onde residem, de volta do Brasil.

Dois portuguezes deixaram lá nome, trazendo em troca um, noventa contos e outro, uns dezoito. O primeiro foi no seu tempo um janota que levou a vida *à huit ressorts* e o segundo, que ainda é vivo, tem um nome afamado no foro portuguez.

Antes de sairmos das salas do jogo, paremos uns instantes á porta do Casino, em frente de uns tres bancos verdes, os primeiros do parque, bancos que teem a sua clientella especial, e teem portanto a sua historia.

Esses bancos estão sempre cheios. E' a creada que não tem ainda honras de *dame de compagnie* e que portanto não tem tão pouco as *toilettes* correspondentes a esse alto cargo, a creada que calça mal um sapato ordinario, e que esconde o seu corpo sem espartilho n'um pequenino chale preto ou vermelho. E' ahí n'esses bancos que passam a sua vida. Chega ao meio dia ou á



O Presidente Loubet beijando uma creança do povo

O chapéu armado dá-lhes um certo tom, e elles parecem saber-o porque são vaidosos do seu uniforme, e não correspondem aos olhares do bello sexo que os admira. N'isto são menos marciaes do que os nossos soldados, e algum dos soldados da municipal que viesse até cá, fazia furor e *muchas cosas mas*, porque a creada franceza tem um *chic* especial que deixa a perder de vista as das outras nações.

Ha ainda outro genero de creadas. E' a velhota observadora, gorducha como qualquer burgueza, que tem o seu emprego em Monaco e vem regalar os olhos nas mulheres elegantes que passam, recordando-se talvez dos tempos passados. Ordinariamente aluga quartos baratos e vem á cata de alguma beldade, arruinada por um dia, a quem não restam já senão uns dois francos para dormir, até que qualquer coração bemfazejo, lhe pague a passagem para voltar á casa, n'uma das estações proximas.

Essas mulheres teem por companheiros nos taes bancos verdes do parque, o trintanario aristocrata que espera a saída do milio-



Henri Poulet

Chefe do secretariado da Presidencia



Photos. de Léon Bonet.

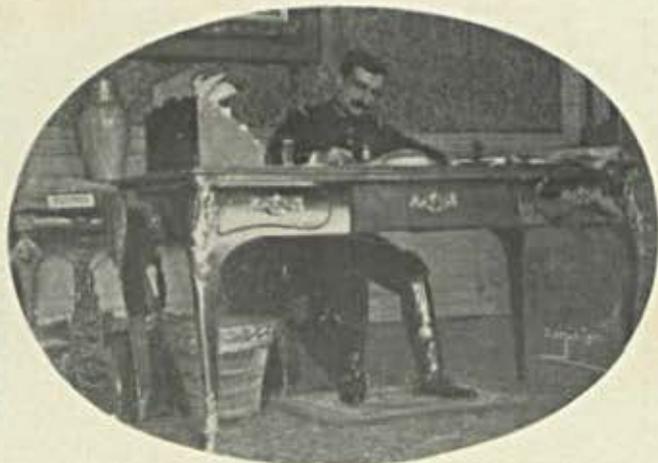
Coronel Roulet

Official ás ordens do Presidente

uma hora, de Cannes ou de Nice, ou simplesmente de Monaco, com a patrão, avó sem netos ou solteirona sem familia. A patrão vai jogar e ella fica todo o dia e muitas vezes toda a noite, n'um d'aquelles bancos, acalentando no collo um pequenino cão que a patroa adora mas que o Casino não recebe. Não come porque a patrão não se lembra de jantar, não dorme porque o cão-sito salta-lhe do collo, ladrando como um furioso logo que vê um *confrade* passeando lentamente pelos *trottoirs* do parque. Boceja de quando em quando e deita ás vezes um olhar meio terno para qualquer *gendarme* do principado que passeia, policiando.

N'estes olhares parece-se um pouco com as nossas sopeiras, catrapiscando um municipal Ah! mas os *gendarmes* de Monaco teem um aspecto bem mais m'rcial, sem desfazer em qualquer 35 da 2.ª

nario, seu patrão, para chamar a carruagem, e um ou outro *touriste* enfastiado do calor do Casino que vem tomar ar e esperar a hora do jantar no Hotel ou a hora da saída do comboio.



Commandante de Lacoste
Official da casa militar do Presidente

A corveta "Seiki,"

(Excavações)

Folheando o *Commercio Portuguez* de 1878 depara-se-nos um curioso artigo humorístico de Guilherme de Azevedo a proposito do primeiro navio de guerra que o Japão enviou ao Tejo. Vão volvidos 27 annos e n'esse curto lapso de tempo, esse paiz de marinha minúscula soube fazer-se potencia e soube domar o urso branco do norte pela boca dos seus canhões e pela bravura dos seus filhos. Segue o humorismo de Guilherme de Azevedo:

Quando se fala de noites formosas, o Tejo, esse poetico rio que nasce perto de Toleão e vai morrer no oceano duas leguas abaixo de Lisboa, não deve na verdade ser esquecido. E' elle o filete d'agua mais illustre no nosso paiz, o que mais vezes apparece em todos os tempos, associado ao nome portuguez nas epopéas gloriosas da nossa historia.

Do Tejo partiram Vasco da Gama para a descoberta da India, e as caravellas dos nossos mercantes para as conquistas da civilisação; pelo Tejo abaixo veiu ainda não ha muitos mezes o capitão Boyton, um arrojado americano que accumula a profissão de heroe com a de negociante de cintos de salvação e de fatos insubmersiveis; e pelo Tejo, enfim, que tanto nos serve para a gloria como para os banhos, acaba de entrar pela vez primeira uma corveta japoneza.

Ao falar-lhe n'um navio d'este phantastico paiz, o leitor que, como eu, não póde abandonar a idéa de que o Japão não é um Estado, mas sim uma officina de objectos raros, imagina logo um pequenino barco de xarão, soltando ao vento, suspensa de uma haste de bambú, uma vela de seda franjada de ouro, debaixo da qual se abana, com uma ventarola de pennas, uma d'essas pequeninas figuras de olhinhos cortados,



General Dubois
Chefe da casa militar do Presidente

em feitio de amendoa, que tantas vezes temos admirado nos circos brincando com borboletas de papel.

Nada d'isto, absolutamente. A corveta japoneza de que trato é um simples vaso de significação restricta que tem esta palavra, quando se trata de assumptos nauticos. Em vez de ter o feitio de uma terrina, tem o feitio de qualquer dos nossos navios; em vez de trazer o paiol attestado de pratos e de aparelhos de chá, simplesmente o traz cheio de polvora e de balas. Chama-se *Seiki* e quando deu fundo no Tejo, em vez de se pôr de cocoras, como fazem os japonezes nas saudações, pôz-se tão sómente a dar tiros como fazem os navios nas salvas.

Esta corveta tem obtido na Europa um verdadeiro successo por constituir ella só por si metade da esquadra japoneza e por ser o primeiro navio que o Taicum manda ao velho mundo. Em Lisboa despertou da mesma fórma uma grande curiosidade; mas verdadeiramente a bordo o que havia de mais interessante não eram as tapeçarias nem as louças raras que se admiravam na camara do commandante, — era o proprio commandante.

N'este ponto o Japão mantém intactas as velhas tradições, e com relação ao feitio do corpo não parece disposto a renegal-as. E' um bom sujeito que cumpre á risca o preceito que certa mãe carinhosa mas negra, impunha ainda não ha muito tempo a seu filho. — Meu querido: espero que no meio das tuas prosperidades não esqueças a nossa origem, nem as tradições da nossa raça. Faz a diligencia por te conservares sempre preto.»

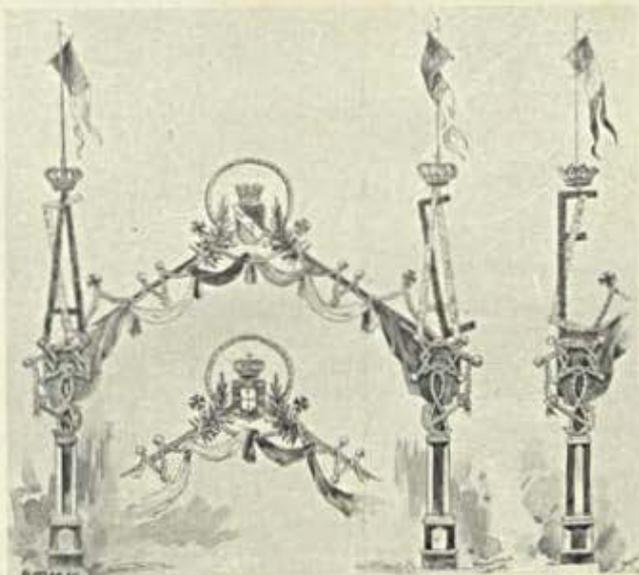


Photos. de Léon Boret. M. L. Rouvier, presidente do conselho e ministro dos Estrangeiros.
Em pé os srs. Moreau, chefe do gabinete, e Combalat, chefe do secretariado

Com respeito ao traje, porém, o Japão não duvida renegá-lo a cada passo. O *frak* europeu e o chapéu desastrado dos povos civilizados, quer elle se manifeste em feltro sob a fôrma de coco, quer em seda, sob a fôrma de canudo, merecem-lhe os maiores extremos.

Vi alguns officiaes japonezes com esta *toilette* tomando neve no café Martinho, e, instinctivamente, ri-me ao suppor a figura que faria qualquer de nós revestido de opa de seda, com metade da cabeça rapada á navalha, sentado no chão, de pernas encruzadas, comendo arroz com dois pauzinhos n'um *restaurant* de Yeddo.

O Japão tem a mania do *erecclismo* na *toilette*, e á ultima hora, nos navios. A corveta *Seiki* é um navio talhado pelos



Projecto para as ornamentações da rua do Ouro, original de Alfredo Candido. — Foi premiado no concurso, mas não aproveitado por difficuldades de execução. Alfredo Candido, bem conhecido no Brasil, firmou dia a dia os seus creditos entre nós.

constructores inglezes, da mesma fôrma que o fato dos seus officiaes o é pelos alfaiates de Marselha. E' muito louvavel para nós os europeus este intento dos japonezes, de nos pretendem imitar por todas as formas; mas pelo amor de Deus! Se o Japão amanhã substitue as suas fabricas de louça por arsenaes, o Japão não progride, atraza-se.

Prefiro que elle fabrique terrinas a que construa corvetas, e a civilisação deve orgulhar-se mais com um *bule* de esmalte para seis chavenas de chá hysson do que com uma fragata para seis canhões Armstrong.

Que os inglezes muito embora conservem os seus estaleiros, mas que o Japão conserve as suas olarias, e que para outra vez, salvando á terra, carregue os seus canhões com chavenas ou com pratos, em vez de os carregar com polvora.

E os nossos aparadores receberão cheios de jubilo as suas descargas.

GUILHERME DE AZEVEDO.

Politica internacional

Uma fèria obrigada por doença e ausencia forçada de Lisboa occasionaram a interrupção d'estas chronicas por quasi dois mezes, durante os quaes acontecimentos da mais alta importancia se realisaram na politica internacional. Na impossibilidade de escrever, embora summariamente, a historia d'esses acontecimentos, deixaremos no entanto aqui consignado d'elles o bastante para se poder comprehender o que actualmente se está passando na politica mundial e o que se prepara para um proximo futuro, pois muitos d'esses successos já tiveram repercussão e não pequena nas relações internacionaes.

Pertence de direito a primeira menção á paz russo-japoneza. Quando a intransigencia dos dois contendores em Portsmouth fazia

presagiar a continuação da guerra e uma nova campanha mais cruel ainda do que a primeira, eis que de repente o Japão cede perante as resistencias da Russia e firma-se a paz com não prevista facilidade, que nos proprios dois paizes interessados a todos espanta. O que terminou o Japão a ceder no campo da diplomacia ao adversario, que nos campos de batalha sempre venceu? Não é facil descortinal-o por agora. Foi a grandeza d'animo do Mikado, que preferiu sacrificar a compensação a que lhe davam direito as suas victorias, ao amor da paz e ao desejo de poupar ao seu povo novas hecatombes? Foi a comprehensão por parte do governo japonez do que a nação ganhava com o que a Russia já tinha acceito e do pouco que valia aquillo a que ella não queria subscrever — indemnisação de guerra e cedencia total da ilha de Sakhalin? Foi o sentimento de esgotamento, senão militar pelo menos financeiro, o que obrigou o Japão a prescindir de algumas das imposições, que tinha feito? Foi a pressão diplomatica da Inglaterra, que pela assignatura do novo tratado de aliança com o Japão lhe deu a segurança, que elle procurava nas condições em que, depois de assignado esse tratado, já não era preciso insistir? Provavelmente as causas, que levaram o Japão a ceder á ultima hora foram bastante complexas, e cada uma das razões, que deixamos apontadas, teriam contribuido n'uma certa proporção para o resultado final. E depois em verdade em que é que o Japão cedeu? Na condição que exigia a entrega dos restos da esquadra russa refugiados nos portos neutros? Mas que poderiam valer essas poucas unidades desmanteladas para o Japão, que quasi que duplicou a sua esquadra com os navios que tomou á Russia? Na limitação do poder naval da Russia no Extremo Oriente? Mas essa limitação é um facto pela força das circumstancias e sem que haja necessidade de ser imposta. Durante uma geração pelo menos o poder maritimo da Russia no Pacifico não existirá. Na conservação por parte da Russia da metade norte da ilha de Sakhalin? Mas que valem em absoluto e que poderiam valer para o Japão esses kilometros quadrados de um territorio esteril, coberto permanentemente de neve e sem perspectiva alguma de melhoria no futuro? A parte melhor da ilha, a metade sul, essa conservam-na os japonezes com direitos de pesca não só em toda a ilha mas ainda n'uma certa zona das costas da Siberia. Na indemnisação por ultimo, que lhes serviria para cobrirem as despesas da guerra? Mas uma parte dos 180 milhões esterlinos, que os japonezes exigiam, receber os-hão a titulo de compensação pelo sustento dos milhares dos prisioneiros russos que no Japão se conservaram durante uma grande parte da campanha, e a este respeito os plenipotenciarios russos declararam desde logo que o seu paiz seria largamente generoso, que é como quem diz que uma parte da indemnisação seria n'essa verba incluida, já se vê sob outro nome para «salvar a face» ao vencido, na pittoresca expressão chinesa. A outra parte dos cento e oitenta milhões esterlinos não é difficil de imaginar de onde sahirá. A conta que o Japão tem de apresentar á China para a retrocessão da porção da Mandchuria, que destina a este paiz, responde pelo reembolso senão integral, pelo menos muito approximado das despesas que o governo do Mikado se viu obrigado a fazer com a guerra. Em compensação, porém, o que ganhou o Japão?

Sem contar com o augmento de prestigio e com a situação preponderante que adquiriu não só no Extremo Oriente mas entre as grandes potencias, de cujo concerto será de hoje em diante de um dos membros mais respeitadas, o que ganhou o Japão pelo tratado de paz, que acaba de assignar-se em Portsmouth? Ganhou em primeiro lugar a Coréa, a qual sob o eufemismo de protectorado passa a fazer parte integrante do imperio do sol nascente, ao qual acrescenta um territorio quasi da mesma aria, duplicando assim a superficie do Nippon, propriamente dito, e doze milhões de população pouco mais ou menos. Ganhou em seguida com a peninsula de Liautung, e com Porto Arthur e Dalny, a melhor porção da Mandchuria, em que fica absolutamente dominando e que ha de fatalmente acabar por incorporar quando a conquista economica d'essa região estiver completa. Ganhou as ilhas á entrada do golpho de Petcheli, e a metade sul da ilha de Sakhalin. Ganhou, além d'isso, uma grande porção dos caminhos de ferro russos da Mandchuria com o direito de provêr á sua guarda e defeza por meio de destacamentos ao longo da linha, adquirindo assim por meio d'essas vias de communicação, apoiadas pela fortaleza de Porto Arthur, uma posição preponderante e unica, não só para dominar todo o sul da Mandchuria, mas ainda toda a parte norte da China, incluindo Pekin. Vê-se bem por esta rapida indicação do que o Japão ganhou pelo tratado de paz, que avisadamente andou o seu governo em ter cedido na questão da indemnisação e na divisão da ilha de Sakhalin, proposta pelo tsar. Demais o fim ostensivo, porque o Japão tinha declarado a guerra, estava conseguido. Como havia o Mikado de justificar a continuação da campanha, tendo declarado ao romperem-se as hostilidades que o seu intuito era apenas defensivo, para conjurar o perigo crescente da preponderancia russa? Quebrada essa preponderancia, e quebrada de forma irremediavel, não havia nada mais a fazer do que assignar a paz, caso o adversario estivesse disposto a accetá-la. E assim se fez.

Isto mesmo que acabamos de escrever é comprehendido pela maioria dos jornaes russos independentes. Todos elles protestam contra a tentativa de querer fazer acreditar, que a Russia sahio victoriosa da conferencia de Portsmouth, graças ao inesperado triumpho diplomatico do conselheiro Witte. Um d'esses jornaes, o *Russkoe Bogatstvo*, importante órgão dos liberaes avançados, redigido pelo grande escriptor Korolenko, é a este respeito de uma eloquencia convincente, quando analisa uma por uma as clausulas do tratado de paz, fazendo

vêr aos leitores em que consistiu o apregoado *triumpho* do pleni-potenciario moscovita. Para que a censura tenha deixado publicar semelhante artigo, é preciso que elle haja traduzido bem fielmente a opinião da maioria...

Mas se é muito o que pelo tratado da paz o Japão alcançou, maior será o que dentro em pouco das clausulas approvadas os japonezes tirarão. Basta vêr como em anno e meio elles souberam transformar a Coréa, não obstante o caracter provisorio do seu dominio n'essa região e os embaraços, que os cuidados da guerra necessariamente deviam causar no estabelecimento de uma exploração regular e proficua. Agora que elles estão senhores do paiz não é ousada a predição de que dentro em pouco a Coréa será apenas uma dependencia economica do imperio japonéz, que com razão de hoje em diante poderá apellidar-se melhor do que até aqui — *Dai Nippon* — o Grande Japão.

E o futuro da Coréa virá a ser tambem o proximo futuro da Mandchuria.

Mas o maior campo de expansão para os japonezes vae ser, graças á situação proponderante que acabam de obter no Extremo Oriente, a propria China. E' para a transformação do grande colosso que se vão agora dirigir os esforços dos vencedores. Era já muito grande a influencia, que os japonezes tinham adquirido no imperio celeste depois da guerra de 1895. A instrução, o exercito, até a administração civil n'algumas das provincias chinezas haviam soffrido um forte influxo do espirito reformador japonéz. Mas até á guerra actual a influencia de Tokio tinha encontrado sempre a acção russa a embaraçar-lhe os progressos. A lucta dos japonezes em Pekin era mais contra as intrigas de S. Petersburgo do que contra a opposição dos naturaes. Hoje tudo isso mudou. Perdida a posição strategica da península do Liautung, d'onde era tão facil exercer pressão militar sobre a capital chineza, quebrantado para sempre aos olhos dos orientaes o prestigio guerreiro do «tsar branco», os herdeiros d'essa posição strategica e d'esse prestigio vão recomençar por conta propria e decerto com melhor fortuna a assimilação do imperio, com o qual tantos pontos de contacto tem, desde a religião até aos caracteres da escripta. E o que, com os extraordinarios meios de assimilação que possuem, os japonezes vão fazer do grande colosso até agora inerte, sabel o-ha o mundo dentro em pouco.

E' uma nova epocha historica que começa, de que a guerra agora ferida foi apenas o sangrento prologo. O que essa epocha será pertence ao segredo do futuro; mas pôde afañar-se desde já que alguma grande surpresa ella preparará para a Europa...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Tive por amigos e por alliados, vi passar successivamente por minha casa, e, segundo os acasos da vida e as oscillações do destino, recebi na minha sala, e ás vezes na minha intimidade, chancelleres, pares, duques, Pasquier, Pontécoulant, Montalembert, Bellune, e grandes homens, Lamartine, Chateaubriand; presidente da republica Manni, governantes de revolução, Luiz Blanc, Montanelli, Arago, Heliades, generaes de povos, Garibaldi, Mazzini, Kossuth, Mieroslairski, artistas, Rossini, David d'Angers, Pradier, Meyerbeer, Eugenio Delacroix; marechaes, Soult, Mackau, e sargentos Boni,



Commissão das associações de jornalistas e da imprensa, encarregada da recepção aos jornalistas francezes

Lorjé Tavares Antonio Chaves Tavares de Mello Alfredo Mesquita
Rangel de Lima Magalhães Lima Abel Botelho

Heurtebise; bispos, o cardeal de Besançon, M. de Rohan, o cardeal de Bórdous, M. Donnet, e comediantes, Frédéric Lemaitre, mademoiselle Rachel, mademoiselle Mars, mademoiselle Dorval, Mae-cady; ministros e embaixadores, Molé, Guizot, Thiers, lord Palmerston, lord Normanby, M. de Ligne, e camponeses, Claudio Durand; principes, altezas imperiaes e reaes, altezas sem mais nada, o duque d'Orleans, Ernesto de Saxo Coburgo, a princeza de Cannio, Luiz, Carlos, Pedro e Napoleão Bonaparte, e sapateiros, Guay; reis e imperadores, Jeronymo de Westphalia, Max de Baviera, o imperador do Brasil, e saltimbancos de praça publica, Bourillon; tive algumas vezes, ao mesmo tempo, nas minhas duas mãos a mão enluvada e branca que está em cima, e a grosseira mão negra que está em baixo, e reconheci que não ha senão um homem.

Depois de tudo isto passado por diante de mim, digo que a Humanidade tem um synonymo: Igualdade, e que não ha debaixo do ceu senão uma coisa diante da qual devemos inclinar nos, o genio, e uma coisa diante da qual devemos ajoelhar nos, a bondade.

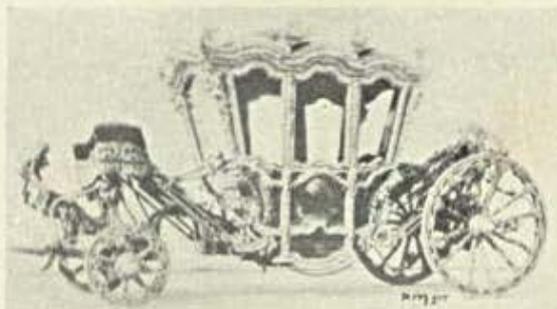
VICTOR HUGO.



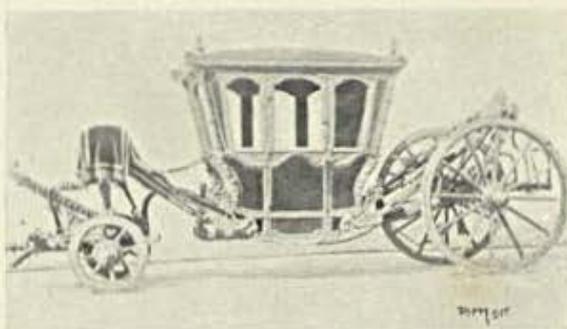
Commissão da colonia franceza de Lisboa nomeada para os festejos ao presidente Loubet

Da esquerda para a direita: — L. Lallemand — dr. Pompée — Jean Bonneville — A. Leproux — Emile Le Frapier — Rouvier, ministro de França — J. Fouyet — Maurice Sarreau — Max Douau — Georges Chaignau — Léon Lacombe

Coches da Casa Real que tomaram parte no cortejo,
à chegada do Presidente da Republica Franceza



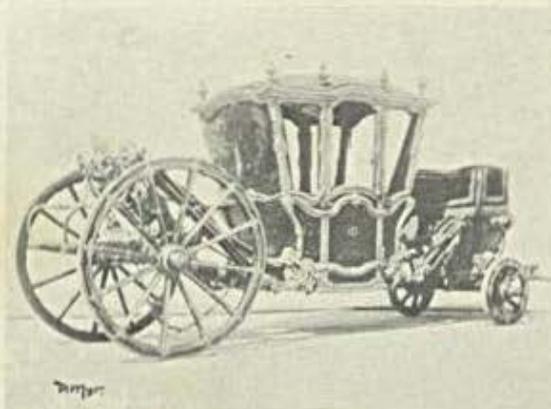
Coche «D. João V.» — Foi mandado fazer por D. João V.
Tomaram assento n'este coche o Presidente Emilio Loubet, El-Rei D. Carlos,
O Principe Real e o Infante D. Afonso.
(Tiro de 4 parilhas)



Coche «D. Anna Victoria»
Veiu com esta princeza para o seu casamento com o principe D. José;
depois rei



Coche «D. José I.»
Mandado fazer por D. José para seu uso privado



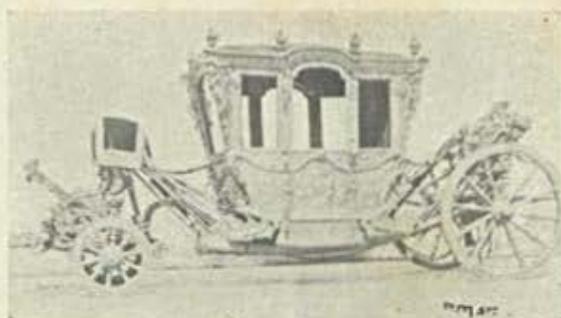
Coche D. «Maria de Saboya»
Offerecido por Luiz XIV a esta princeza quando casou com D. Afonso VI



Coche «Infante D. Francisco»
Mandado construir por D. João V para seu irmão D. Francisco



Coche «Papa Clemente XI»
Offerecido por este pontifice a D. João V



Coche «D. Maria de Austria»
Fazia parte do dote de D. Maria de Austria, que foi esposa de D. João V

Para se fazer um edificio ou fabricar uma torre, não se lhe dá principio pelos telhados, nem se começa pelas grimpas e zimbórios, mas pelos alicerces; os quaes se abrem, cortam, e fazem conforme a machina que sobre elles se ha de fabricar.

Assim o sabio mestre accomodará a doutrina á medida da idade do alumno, e o exercicio á potencia e forças, não fundando sobre barro estatuas de bronze, nem sobre areia grandes machinas; antes de maneira irá com o prumo na mão, que sempre seja menos o ensino do que a natureza poder, para quem com menos doçura e menos trabalho se lhe applique o discipulo.

QUADRAS

Semei, no tempo das flores,
A flor dos meus verdes annos...
Nasceram sonhos, amores,
Tristezas e desenganos!

Correm as aguas do rio
E vão perder-se no mar...
Meus sonhos, correndo em fio,
Vão no teu seio expirar!

A roca da mocidade
Quebrou-se e caiu-me ao rio...
Deixa-a! ficou-me o fio
Que liga a magna á saudade!

D. ALBERTO BRANHO.

Dois velhos da colonia franceza



Alector Godefroy

*Decano da colonia franceza em Portugal.
Este bom vellino, que veio para Lisboa em julho de 1840,
conta hoje 85 annos.*



Henry Lemoine

*Conta 90 annos. E' engenheiro.
Veiu para Portugal em 1844, sendo encarregado
de remodelar a Imprensa Nacional*



Em Cascaes

Um tea-party

